

O ESTUDO DA CIDADE ATRAVÉS DA ESCOLA: COMO A EDUCAÇÃO INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DO URBANO

José Roberto Henrique Souza Soares
IFPE *Campus* Recife
henrqsouza@outlook.com

Eloyze Lorena Gomes Batista
IFPE *Campus* Recife
eloyze-lorena@hotmail.com

Clézia Aquino de Braga
IFPE *Campus* Recife
cleziabraga@gmail.com

RESUMO

Em meio a este crescente processo de urbanização ao qual estamos nos submetendo, é essencial que a escola atue como agente delineador desta característica. Há autores que falem da geografia como uma ciência do urbano, porém esta área do conhecimento vai muito além desta análise, este é um saber específico que busca analisar os diferentes fatores que compõem a vida em sociedade. Desta maneira nosso estudo pretende analisar com base em Cavalcanti (2012) e Lefebvre (2002), os diversos conceitos da Cidade e de como o ensino da Geografia interpreta as diferentes faces do Urbano. A escola neste processo de urbanização é vista como um agente transformador da realidade social que juntamente com a Cultura interpelam as principais manifestações dos agentes do urbano. Assim a cidade é considerada educadora quando, além de suas funções tradicionais – econômica, social, política e de prestação de serviços, exerce a função, da formação para e pela cidadania. Precisamos de uma pedagogia da cidade e, para tanto, precisamos aprender com a cidade. A cidade nos pertence e, porque nos pertence, participamos da sua construção e da sua reconstrução permanente.

Palavras Chaves: Geografia Urbana; Cidade e Urbano; Escola e Cidade

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca realizar uma leitura acerca da importância da educação na formação das cidades e de como as escolas podem influenciar na construção urbana dos espaços. Toda sociedade é constituída de valores e marcas que a caracterizam, assim as sociedades urbanas são formadas através

da educação e da cultura, sendo estas o alicerce para a fundamentação social e característica de cada cidade.

Nosso interesse em se aprofundar nesta temática surgiu através dos debates elaborados na disciplina de Laboratório e Prática de Ensino de Geografia I e II. Componente curricular que enseja diversas discussões, leituras, reflexões, na formação do futuro professor propiciando a ampliação do conhecimento, a troca de experiências além da promoção do desenvolvimento de novos olhares como também na forma de aprendizagem dos estudantes no decorrer da atividade pedagógica em sala de aula e em aula de campo.

Assim, nossa pesquisa não perdeu de vista os elos entre o componente curricular e os novos requisitos / desafios da sociedade contemporânea globalizada, resultado da modernidade e com forte nível de hierarquia, sob a influência dos impactos das tecnologias de ponta, do mundo estetizado, da cultura do consumo dos “cidadãos” cada vez integrado para processos de reprodução, da necessidade de mudança e de postura do professor na atualidade seja, ele universitário ou da escola básica para caminhar em busca de rupturas da racionalidade tecnicista. Lógica essa, que ainda presenciamos nas práticas institucionais, a organização de seus currículos, o ensino e o desenvolvimento de suas práticas de planejamento e avaliar.

Optar-se assim, por um olhar e um saber fazer interdisciplinar pautada na racionalidade crítica – reflexiva e na compreensão e realização do processo de ensino que contemplam dimensões formativas para emancipação dos sujeitos e o diálogo com outras disciplinas, sendo estas possíveis soluções para a construção de uma cidade mais justa e humanizada.

REFERENCIAL TEÓRICO

O espaço urbano se forma através da expansão de ações e investimentos destinados especificamente ao crescimento econômico, populacional e industrial. Para a geografia segundo o que nos aponta Cavalcanti (2012) a cidade e o urbano se apresentam como categorias que não podem nem devem ser vistas isoladamente, ambos são conceitos distintos, porém inatingíveis se separados, data vista que a cidade se caracteriza como a materialidade, o visível do urbano, que por sua vez dá sentido e natureza a cidade. O urbano se representa como uma produção do espaço. Que acontece através da superação de fatores diversos. Já Lefebvre (2002) p. 28 diz que

O Urbano (abreviação de “sociedade urbana”) define-se (...) não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada, no tempo, mas ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora.

Desta maneira, o urbano necessita ser visto não como um fim, mas como um meio. A produção do espaço necessita superar toda e qualquer obstáculo que tornam essa realidade impossível. Levando em conta toda contradição que cerca esta construção. A produção e busca desenfreada pelo lucro,

característica do Capitalismo, torna impossível pensar uma cidade que almeja a industrialização se importar com a humanização e a valorização do ser humano. Estes espaços se fundam através da lógica capitalista, repetindo a aglomeração que é necessária ao capital e ocultando as contradições sociais.

A violência urbana por exemplo pode ser explicada pelas próprias contradições do espaço urbano, assim como exemplifica Cavalcanti (2012), as elevadas taxas de desemprego e a falta de escolaridade são um dos principais estimulantes para as práticas violentas de jovens que crescem sem esperança e oportunidades, geradas através desta contradição que se origina no processo de urbanização.

Nesse sentido, a cidade se apresenta como educadora a partir do momento que se coloca como responsável pelas condições de vida e permanência dos cidadãos, além de se confirmar através das práticas culturais que a definem. Desta maneira existem meios que possibilitam a cidade tornar-se uma Cidade Educadora, esse conceito consolidou-se no início da década de 1990, em Barcelona, na Espanha, onde se realizou o primeiro Congresso Internacional das Cidades Educadoras. Esse Congresso aprovou uma carta de princípios básicos que caracterizam uma cidade que educa. Várias cidades brasileiras são membros da Associação Internacional de Cidades Educadoras: Belo Horizonte (MG), Caxias do Sul (RS), Cuiabá (MT), Pilar (PB), Porto Alegre (RS), Piracicaba (SP), Alvorada (RS) e Campo Novo do Parecis (MT). Demonstrando assim, que além de todo aspecto de sua formação uma cidade pode criar mecanismos que a tornem cada vez mais educadoras.

UMA CIDADE POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Pelo estudo e leitura de diversas obras das quais podemos destacar as de Cavalcanti (2012) e Lefebvre (2002) somos interpelados a pensar a escola como um meio de transformação do espaço. A escola deve assumir o papel de formador da realidade em questão. A escola necessita deixar de ser um lugar abstrato para inserir-se definitivamente na vida da cidade e ganhar, com isso, nova vida. Ela se transforma num novo território de construção da cidadania.

O espaço urbano se origina através de uma construção, assim é necessário que a escola seja um dos principais formadores deste espaço. A partir do momento que o espaço deixa de ser natural e passa a assumir sua dimensão social, é necessário que pensemos nessa transformação através das relações e das influências que são necessárias a essa mudança. Desta forma poderemos ter uma Escola Cidadã e uma Cidade Educadora a partir do diálogo entre a escola e a cidade. Não se pode falar de Escola Cidadã sem compreendê-la como escola participativa, escola apropriada pela população como parte da apropriação da cidade a que pertence.

As cidades se originam do encontro das pessoas, da festa, da fé, da história, no entanto com a crescente corrida capitalista a cidade deixa de assumir essa forma de obra humana, de criação e passa a

apresentar um aspecto de produto, com função primordial de produzir e comercializar mercadorias. É importante que não esqueçamos a essência do espaço urbano, seu caráter multicultural e de coexistência, onde juntos podem conviver em harmonia, diferentes tribos, guetos, pessoas de vários credos. Apesar de toda diversidade cultural este espaço deve se apresentar de forma igualitária onde cada cidadão possa ser capaz de usufruir de seus direitos.

Desta forma, se faz necessário que pensemos a relação entre cidade e escola sob uma perspectiva construtivista em que ambos devem se unir para o seu melhoramento, este arranjo fica melhor explicitado na figura 1, onde está representado um esquema de como analisamos a influência da educação na construção da cidade.

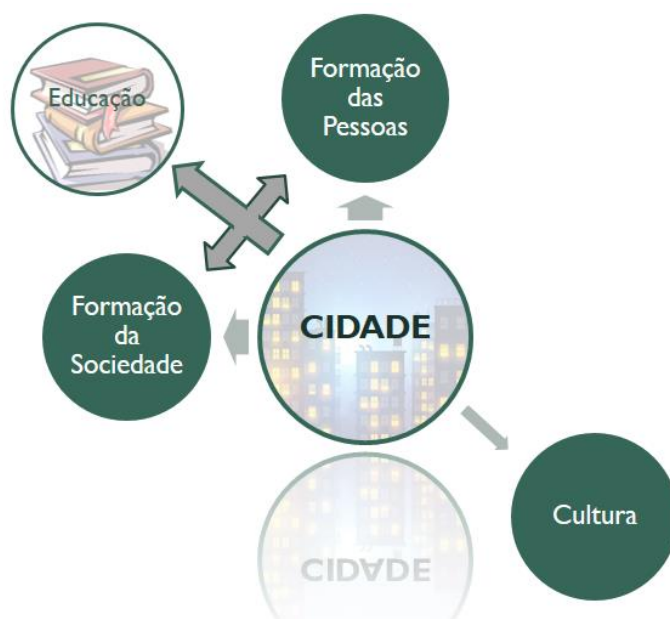


Figura 01: Esquema de análise da influência da educação na formação da cidade. Fonte: CAVALCANTI 2012, pp. 63-64. Adaptado pelos autores

A cidade se insere no centro do processo pelo seu caráter de mediador das relações e das práticas que a caracterizam. Esta cidade só se torna plenamente urbana a partir das práticas sociais que desenvolvem a cidadania entre os que nela convivem. Neste sentido a educação atua na formação das pessoas e conseqüentemente na da sociedade através da necessidade que a cidade tem de estimular as liberdades humanas, e a dignidade de considerar-se igual a todos.

A produção do espaço urbano está intimamente ligada a produção de um modo de vida humano. Harvey (2004, p. 210. Apud CAVALCANTI, 2012) diz que “ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmo”. Este pensamento nos remete a uma ação ativa e participativa na construção da cidade, por meio do qual a escola possa além de tudo estar formando cidadãos que se coloquem como peças fundamentais e indispensáveis na construção ou reconstrução dos ambientes urbanos que respeitem os princípios democráticos e da justiça social.

Uma das áreas de interesse da Geografia como ciência social e humana é a que se dedica a análise da cidade e da vida urbana. Nesta área o objeto utilizado para a análise é o Espaço Geográfico, da qual usa de diversas categorias para o estudo. E através destes estudos torna-se relevante compreender a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz culturas. E este aspecto cultural é imprescindível em qualquer análise urbana.

A cidade é cultura, criação, pelo que criamos nela e com ela, não apenas pelo que fazemos dela ou com ela. É cultura pela própria forma estética gratuita, que lhe damos. Assim, podemos falar em cidade que educa, segundo o que nos aponta Freire (1993), quando esta busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa. Quando estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade. Todas estas ações só se tornam realidade quando pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época.

Na perspectiva de que “enquanto educadora a cidade é também educanda.” (FREIRE, 1993, p. 13) é que podemos pensar o conceito, há décadas implantado, de “Cidade Educadora”. A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só. E para se efetivar essa busca de uma cidade capaz de educar é preciso que exista o diálogo entre a escola e a cidade. Essa aproximação se dá por meio de mecanismos criados pela própria escola, como o Colegiado Escolar, projetos que envolva toda comunidade local, plenárias pedagógicas e outros. Esse ato de sujeito da própria cidade leva para dentro da escola os interesses e necessidades da população.

Numa cidade que educa o cidadão caminha sem medo, observando todos os espaços. Esta cidade é, na verdade, a realização dos objetivos do próprio planejamento urbano, dentre os quais podemos destacar a promoção e a melhoria das condições de habitat, viabilizando uma vida saudável, social, material e espiritualmente (cultura, educação e trabalho) para todos. O cidadão da cidade educadora presta atenção ao diferente e também ao “deficiente”, ou melhor, ao portador de direitos especiais. Para que a escola seja espaço de vida e não de morte, ela precisa estar aberta para a diversidade cultural, étnica e de gênero, e às diferentes opções sexuais. Essas diferenças exigem uma nova escola, diferente desta que o sistema capitalista impõe e nós aceitamos hoje.

O ensino de geografia deve ser uma ferramenta desta transformação. As aulas de Geografia, dependendo do enfoque filosófico e dos procedimentos metodológicos, podem se transformar em possibilidades para que o estudante consiga pensar sobre o espaço e conseqüentemente sobre sua cidade e suas práticas como cidadão. A realidade sócio espacial apresenta uma dinamicidade de relações

sociais, econômicas e culturais que precisam ser percebidas pelos professores e estudantes de Geografia. Para tanto é essencial que os professores de geografia considerem o cotidiano em suas práticas docentes. O espaço vivido pelos sujeitos é uma peça fundamental e de grande serventia no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo sujeito atuante e participante de uma sociedade necessita compreender a dinâmica e atividades que marcam esta sociedade. Desta forma a escola necessita antes de qualquer coisa ser este agente de formação dos sujeitos para que estes sejam capazes de mudar a realidade em que vivem.

A produção do espaço urbano se dá de maneira conjunta onde a escola necessita assumir um papel diferente do que está destinado a ela nesses dias. Nossas escolas reproduzem os princípios da lógica capitalista, já que nossas cidades e nossa organização social se fundam através deste princípio. Para a construção de uma cidade mais justa e igualitária é necessário que a escola reproduza e ensine estes princípios.

Queremos neste trabalho mostrar o quanto a escola é capaz de influenciar na construção da cidade e de que forma a cidade influencia na educação. É fundamental que a escola e a cidade caminhem juntas para que ocorra uma transformação significativa neste processo. Para que tenhamos verdadeiras cidades educadoras é preciso que as práticas docentes sejam revistas, que a escola se aproxime cada vez mais da cidade através de participação de todos. Assim teremos uma escola presente na cidade e que cria novos conhecimentos, sem abrir mão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, uma escola científica e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BAVA, Sílvio Caccia. **A reapropriação das cidades**. Cadernos Le Monde Diplomatique, Porto Alegre, Fórum Social Mundial, 2001.
- CAVALCANTI, Lana de S. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3ª ed. Capinas-SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. **Processo De Produção Desigual Do Espaço Urbano**: Recife – Impasse Permanente Da Coexistência De Interesses Da “Cidade À Acumulação De Capital” E Da “Cidade À Realização Plena Da Vida Humana”. ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 5, n. 10, p. 95-113. jul/2011. Semestral.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino da geografia**: caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec**: Pesquisa e Ação Educacional, São Paulo, v. 1, n. 1, p.133-139. 2006. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br>>. Acesso em: 03 nov. 2015.

GADOTTI, Moacir; PADILHA Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia. **Cidade educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez/ IPF, 2004. E, também, TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luíz Rodrigues e CONZATTI, Marli. **Cidade educadora**: a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez/IPF, 2004

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

PIAGET, J. **Para Onde Vai a Educação?** 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1988.

SANTOS, Milton. **O professor como intelectual na sociedade contemporânea**. In: Anais do IX — Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe). v. III. São Paulo: 1999.